

# Padre Américo

## Místico do nosso tempo

**A** Editorial da Casa do Gaiato tem andado um bocado adormecida, por nossa culpa, minha principalmente. É que bastantes escritos de Pai Américo aguardam ainda a recensão que há-de oferecer-nos a oportunidade feliz de mais dois ou três títulos novos — e então, sim, ficará em livro, mais à mão de todos, tudo quanto foi escrevendo no seu GAIATO naqueles anos (poucos relativamente aos cinquenta e quatro que o Jornal conta) em que era ele quase o único redactor. Graças a Deus que assim foi, pelo extenso e precioso espólio literário que nos deixou. E oxalá a saída desta publicação, que esperamos comece a correr quando esta notícia chegar aos Leitores do Famoso, signifique também maior

vigilância sobre os volumes esgotados cuja reedição se impõe e a edição de novos títulos como já referi.

O presente livro, chamado como vai em epígrafe, é o trabalho final de licenciatura em Teologia do Padre José da Rocha Ramos e traz consigo a muita dedicação, não só do seu autor como de quem o orientou para ele e ao longo dele. Eis uma mais-valia que muito apreciamos e fundamenta a certeza do bem que ele vai causar: Por sobre a valia do acto académico, o amor com que foi feito — e tivemos muitas oportunidades para o testemunhar. Trata de uma faceta ainda por reflectir, das várias que «permitirão ir reconstruindo a personalidade total» de Pai Américo, até agora mais estudada nas facetas de

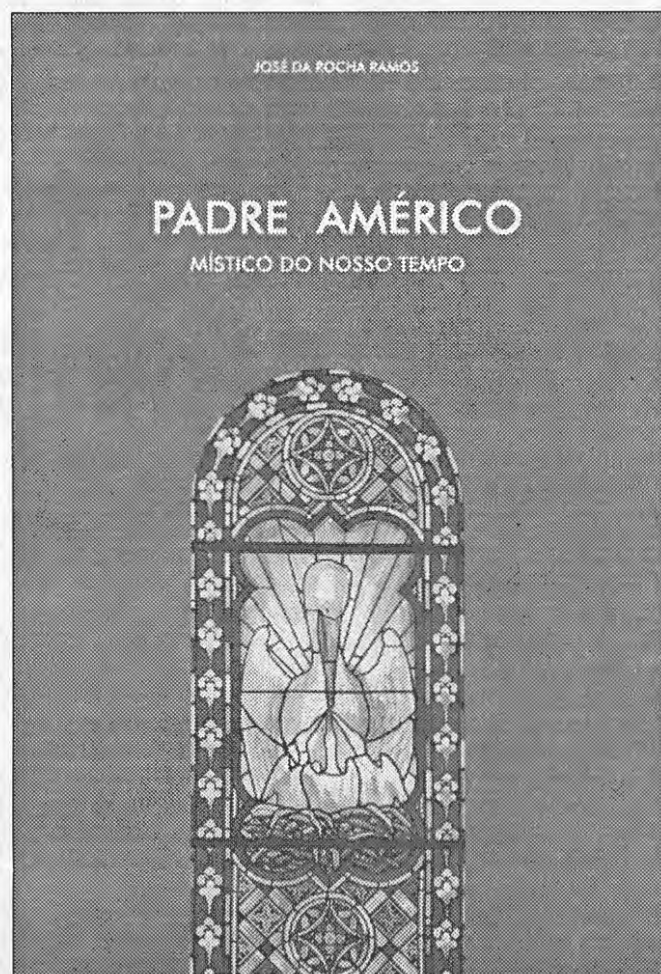
pedagogo e sociólogo. «A perspectiva do Autor é, sobretudo, o Padre Américo-homem de oração.» Mas ele aceitou a nossa sugestão de um título mais genérico, inspirado na palavra que há muitos anos ouvi na cidade de Braga de um venerando sacerdote, cujo eco nunca se calou: — Quando alguém se debruçar sobre o Padre Américo-místico, então é que vai ser...!

Este trabalho é o primeiro, de fôlego, nesta linha e, com certeza, vai abrir caminho a outros: «O próprio Autor, concluída a obra na azáfama da licenciatura, intensamente ocupado em missão pastoral na hora dos últimos retoques, pensa que faria diferente se agora começasse. É o sentir universal de quem realiza com amor, sempre insatisfeito perante a obra produ-

zida. Se o Padre Ramos, hoje, faria de outro jeito, tal significa o leque de desafios que abre a outros». E até posso acrescentar esta pequena inconflidência: ele próprio foi o primeiro a aceitar o desafio, pois, quanto lho permite a sua vida de Pároco, continua debruçado sobre outros aspectos da espiritualidade de Pai Américo.

Quando surgirá um estudo sobre a Pobreza?... Aliás, começado e pré-anunciado por uma oração de sapiência em abertura de ano lectivo no Seminário do Porto por Padre Albino e interrompido por sua morte prematura. Quem descobrirá onde pára o seu ficheiro em ordem a este trabalho?... — e o retomará. Quem no-lo dera!

Ao Padre Ramos — pela iniciativa que teve e pela bondade de a pôr em nossas mãos; pela humildade e espírito de colaboração



com que aceitou as nossas sugestões e sofreu os nossos estorvos; sobretudo, pela paciência que conservou até este dia de ser dado à

luz o seu trabalho — a nossa gratidão e o nosso sentimento de fraternidade.

Padre Carlos

## Património dos Pobres

*Não podemos ter mais filhos porque não temos lugar para eles*

**F**OMOS alertados e chamados pela presidente da Conferência Vicentina duma paróquia, mãe de sete filhos — o mais velho estudante universitário e o mais novo de colo — alarmada com dificuldades que lhe tinham aparecido: uma mãe com quatro filhos e grávida do quinto, a pedir dinheiro emprestado para pagar ao médico a provocação do aborto. Mais duas mães, uma com quatro e a outra com três filhos, também com vontade de abortar: — Não podemos ter mais filhos. Não temos lugar para eles.

Logo que pudemos, fomos certificar. A primeira é mãe, muito arranjadinha e com três dos filhos cuidados: — O outro tive de pedir a uma amiga para o ter em sua casa. Temos a nossa cheiinha. Vivem num pequenino anexo, arrendado, só com duas divisões. Não cabe mais nada. Propusemos a construção doutro compartimento no terreno pegado. Parece que o dono não se opõe.

— E o dinheiro para as obras?, perguntou ela. Prometemos que o dinheiro apareceria.

A vicentina animou-a a deixar nascer o bebé e que lho entregasse para ela o criar. A mãe grávida sorriu e ficou esperançosa.

Seguimos por um barranco até junto ao rio. São três famílias a viver no mesmo casebre. O barracão ao lado — onde todos têm a cozinha — parecia uma autêntica enxovia, exalando um cheiro nauseabundo! Só conseguimos ver, pelo buraco que serve de porta, um enorme amontoado de coisas.

Uma família é constituída por mãe e dois

filhos já idosos e deficientes. Duas outras filhas casadas, uma com três e outra com quatro filhos, ameaçam provocar abortos, pois no único quarto não cabe mais ninguém. Entrámos e fomos testemunhas. O espaço está todo ocupado.

Ficámos perplexos. A solução imediata seria comprar o que está, construir um andar com dois quartos sobre o barracão que serve de cozinha, dar um arranjo a esta, e, ao lado, fazer um quarto de banho.

Os donos, a Conferência Vicentina e o Pároco prometeram pôr mãos à obra. Assim esperamos — e confiamos. Entregámos logo a nossa primeira ajuda para a compra.

Está aí, também, um barracão com outra família, cuja ocupante apareceu e se identificou: — Já aqui criei doze filhos. Agora, vivem aqui quatro. Passei muitos tormentos para os criar! A casa tinha só uma divisão. Já fui eu que fiz a cozinha. Cá temos vivido nesta pobreza...

Vimos todo aquele amontoado de coisas. No meio, um berço com um bebé deitado, uma menina aos cuidados da avó. A pequenina fitava-nos com sorriso de anjo. Do grupo alguém exclamou que a menina, com sorriso tão inocente, parecia querer dizer: — Ajudem a nascer mais irmãozinhos.

Ficámos com esse sorriso na alma, no coração. Nesta época em que, no nosso País, tanto se fala e enaltece a lei do aborto, sentimo-nos ainda mais comprometidos para que não haja abortos por falta de habitações, mas sejam construídas casas decentes, capazes, dignas.

Padre Horácio



Neste casebre vivem três famílias. São catorze pessoas.

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**CONTRASTE** — Na qualidade de servos dos Pobres, uma pobre mãe aborda-nos outra vez para minimizarmos o fosso de miséria em que estará, não podendo dar pão e criar os filhos como deve ser.

— *Temos vergonha de pedir!*, afirma logo de entrada. *Peço por mor deles, que o ordenado do meu homem é baixinho.*

Vive, em união de facto, há já onze anos. Mas, disse com ênfase, *«temos muito amor às nossos filhos!»* Natural sentido de Maternidade!

Ao menos, interrogámos, não seria conveniente o casamento civil, já com uma década de preparação...? *«Damo-nos muito bem. Somos um do outro.»* A segunda etapa, mais adiante, se for vontade do casal — respeitando a liberdade dos filhos de Deus — seria o casamento religioso... Ela sorri. Ficou a semente. O resto é com Deus.

A falta do necessário humilha! *«Temos vergonha de pedir!* Por isso, oportunamente, requereu o subsídio de maternidade à Segurança Social, lá do Sul. Na resposta a dita Segurança Social invocando o «Decreto-Lei 154/88, de 29 de Abril, com a nova redacção dada pelo Decreto-Lei 333/95, de 23 de Dezembro», indefere o requerimento por ela *«não ter cumprido, à data do facto determinante de protecção, 6 meses civis, seguidos ou interpolados, com registo de remunerações (n.º 1 do art.º 6.º)»*...

Na sequência deste contraste, lamentamos que o legislador baseie cruamente a resolução destes problemas humanos — das classes mais necessitadas — em critérios economicistas. No caso vertente, oprimindo a Maternidade dum pobre Mãe!

**PARTILHA** — A assinante 14493, d'O GAIATO, lamenta *«não ter enviado o seu contributo antes da Páscoa, como é costume»* — há muitos anos! *«Mas pensa que cada dia da nossa vida, quando o coração dita, pode ser Natal e Páscoa. Como as minhas receitas, desta vez, deixam enviar a quantia determinada, será reposta, mensalmente, com mais um pouco que juntarei, querendo Deus, à minha habitual oferta para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Aqui, incluo a de Abril. Fico assim mais sossegada e não fujo ao que prometi.»*

Amiga dos Pobres. Alma delicada.

O assinante 4395, de V. N. de Famalicão, aparece assiduamente: *«É com muito prazer que remeto um cheque de dez mil, a que darão a aplicação que entenderem»*. Cumprimos.

O grupinho de senhoras de Bom Sucesso (Aveiro), que todos os anos nos visita, deixou uma colecta de 9.500\$00 — *«para os Pobres»*.

Mais cinco, das vicentinas de Aldoar (Porto), por ocasião da Páscoa, dando assim as mãos como servas da seara dos Pobres.

S. Mamede de Infesta: A filha adoptiva da assinante 28382, com pequenino bolo dividido em duas partes.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Eu escrevo para ti!

Eu escrevo para ti,  
Para sentires  
O mesmo que sinto  
E idealizares  
O mesmo que idealizo!  
Eu escrevo para ti,  
Para resistires  
Aos caminhos  
Longos e árduos  
Que juntos  
Vamos percorrer  
Em direcção  
À nossa libertação!  
Eu escrevo para ti,  
Neste mês de Maio  
Mês das flores  
Que são expressões  
Que encham de amor  
Os nossos corações!  
Eu escrevo para ti,  
Para jamais sofrereres  
Desgostos e desaires  
Deste mundo  
Rápido e hostil.  
E com os nossos braços  
Reconstruiremos o amanhã  
Que há-de parir  
O nosso Eden!

Manuel Amândio

## PAÇO DE SOUSA

**TEMPO** — Com alguns dias de chuva, o sol tinha voltado, mas para não ficar muito tempo.

A chuva continua! Será que o mês de Maio também será chuvoso?

**HORTA** — Como não poderia deixar de ser, a chuva dá vida ao que é semeado.

Já foi plantado o cebolo e outras coisas que, mais tarde, serão preciosas.

**TEMPOS LIVRES** — Agora há um novo entretém.

Mas o problema é que alguns podem aleijar-se... São os patins!

Para já, ainda não houve desastres graves. Mas, quem gosta de andar de patins não pára até saber patinar.

**VISITAS** — Recebemos uma excursão que, além de nos

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Abril, 68.850 exemplares.

visitar, decidiu também passar o dia todo connosco.

Primeiro, num encontro de futebol com os mais pequenos.

À tarde, entraram em cena com grande festa: música e algumas peças de teatro.

Agradecemos a amizade.

Rui Manuel

**FUTEBOL** — A Escola Dramática e Musical de Milheirós, da Maia, realizou um encontro de futebol, na manhã de 19 de Abril, com os mais pequenos, que já há muito tempo não jogavam, embora treinassem aos sábados.

Os miúdos mostraram que estão em forma. Na primeira parte, aos 15 m., o «Tatarro» marcou o primeiro golo; o adversário repôs a igualdade, aos 21 m., em lance de bola parada; aos 25 m., o «Azeitona» eleva o marcador para 2-1, resultado da primeira parte.

Após o intervalo, brindámos o adversário com mais dois golos. «Azeitona», aos 11 m.; e «Tatarro» aos 37 m. Resultado final: 4-1.

De tarde houve um belíssimo espectáculo de variedades no salão de festas, para os mais pequenos e malta em geral.

## Casamento do Silva e da Arminda

**UMA FLOR QUE BROTA** — O grande objectivo da nossa vida consiste na insaciável procura da felicidade. É, pois, o auge da nossa existência. É a perfeita harmonia de tudo o que é belo.

Contudo, este é «um fim» bastante difícil de alcançar e que geralmente só o conseguimos atingir com o auxílio da nossa «cara metade».

É o caminho que o nosso António Silva juntamente com a Arminda se propuseram seguir, no dia 25 de Abril, na Capela da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa, formando uma união duradoura que dará certamente excelentes frutos.

Já o Poeta dizia que «o sonho comanda a vida». Este matrimónio é a concretização de um sonho.

Para nós, gaiatos, foi com imensa alegria que recebemos a nova irmã Arminda, desejando aos dois que sejam felizes. É de justiça, face à sua posição na vida, a procura da felicidade. São os votos sinceros dos vossos irmãos gaiatos.

Daniel («Cenoura»)



Os noivos com os «Batatinhas» na escadaria da Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

## RETALHOS DE VIDA

### «Melão»



Sou o José Miguel Pereira Lopes, conhecido por «Melão».

Tenho catorze anos, pois nasci a 1 de Junho de 1983, em Lamego.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, há bem pouco tempo — 1 de Novembro de 1997 — porque tinha problemas em minha casa: O meu pai era alcoólico. Batia-nos muito. Por isso, separou-se de minha mãe...!

Na parte da manhã, estou na horta. E, de tarde, na escola. Frequento o 5.º ano do Ensino Básico.

Gosto muito desta grande Família!

Quando for maior quero ser um famoso cantor.

José Miguel Pereira Lopes («Melão»)

Correu bem, com muitos aplausos e risos. Um óptimo dia de convívio.

Em 26 de Abril, outro dia cheio. Dois jogos no mesmo dia.

De manhã, um grupo de amigos, de Paço de Sousa, alguns bem conhecidos. Jogaram com os mais velhos que não deram qualquer hipótese ao adversário. Houve golos de todas as maneiras e feitios. Resultado final: 9-1.

À tarde, recebemos outro grupo de amigos através de José Luís, sobrinho do ex-gaiato «Leitão». Os nossos atletas entraram com a mesma pedalada com que aviaram os adversários da manhã. Resultado final: 10-1.

Parabéns à equipa pelo esforço dispendido.

Jorge Alvor

## BENGUELA

**BIBLIOTECA** — Era esperada há tanto tempo! Foi inaugurada em dia 25 de Abril. Tudo correu bem.

A Cristina, que pertence ao grupo dos Leigos para o Desenvolvimento, fez um discurso de que gostámos muito e o nosso Padre Manuel explicou a importância que uma biblioteca tem para a nossa vida.

As regras de funcionamento foram citadas pelo responsável, o Zacarias, que, respondendo a perguntas dos participantes, deu boas informações.

Depois, houve uma visita às instalações guiada pelos responsáveis — Zacarias, Ave-lino, Marcolino e Nelito Afonso. No fim, música, dança; e só foi pena não haver mais raparigas, além da Cristina e da Anabela!

Temos um bom número de livros, mas há espaço para muitos mais. Mandem também revistas, por favor, desde que ajudem à nossa formação, para idades dos seis anos aos vinte e tal. Somos estudantes e trabalhadores. A biblioteca está aberta a quem desejar consultar algum livro. Ficamos à vossa espera.

Nelito Afonso

## SETÚBAL

**PASSEIO** — Nas férias da Páscoa fomos ao Jardim Zoológico, a convite do Montepio Geral.

Vimos tudo. Até o espectáculo dos golfinhos. Muito bonito.

Depois, deram uma merenda, um livro BD sobre a Conquista de Lisboa e outras lembranças.

Seguimos pela Ponte 25 de Abril e regressámos pela Ponte Vasco da Gama.

Um dia espectacular!

Filipe André

**CRIAÇÃO** — Nasceram 17 patinhos da mesma pata (morreu um)!

São muito engraçados. Parecem barquinhos a andar quando estão no charco, a chapinhar. A malta gosta de lhes pegar, brincar com eles, dar-lhes de comer e pô-los na casota.

**GADO** — As vaquinhas andam contentes porque agora têm uma máquina nova na manjedoura.

Arranca o trabalho do silo (é só baixar e encostar) e fica a moer lá dentro o que quisermos: palha, batata e fruta velha, pão duro e restos de comida, etc. Depois, é só passar com o tractor, pois a máquina deixa cair o alimento nas manjedouras em tapete rolante.

Dantes, era preciso molhar e dar a comida separada. Agora, é mais fácil porque já vai tudo misturado e as vacas comem bem.

**ALFAIA** — Os tractoristas estão de parabéns. Agora, temos uma nova grade hidráulica. É grande e bonita!

Tem 20 discos (10+10, que se orientam hidráulicamente), e duas rodas atrás para ajudar o transporte. Gradamos os terrenos mais depressa!

Amândio R. Francisco

**QUINTA** — Já semeámos milho e feijão. Estamos a semear cenoura e tomate.

Também andamos a arrancar as ervas daninhas da fava e da ervilha (que começámos a schar), e a sulfatar a batata.

Acabámos de adubar e fresar o terreno para a luzerna.

**VISITA** — Fizemos uma visita de estudo à Caravela Bartolomeu Dias, tal e qual as caravelas do tempo dos Descobrimentos Portugueses.

Dentro dela, uma senhora explicava como era antigamente. Também vimos um vídeo; e ofereceram lembranças e um livro.

Depois, ainda deu tempo para seguirmos ao aeroporto ver os aviões a levantar voo e a aterrar.

Fomos com a Escola. Quando pode ser, o nosso Curso (Ensino Recorrente) aproveita sempre.

Nós gostámos muito!

Ricardo Garcia

# BENGUELA

## Três milhões de crianças sem registo civil

SÃO três milhões de crianças sem o registo civil. Não existem legalmente, mas andam por aí. Tomei conhecimento destes dados pela Comunicação Social. Aparecem no ecrã da televisão com as mãos a tapar a cara, como que a dizer que são desconhecidas. Esta é uma das consequências da devastação feita pela guerra. As crianças que estão connosco passaram também por esse momento, com a agravante de não saberem quem são os pais, em grande parte. Por isso, na cédula de registo, em vez de nomes, aparecem traços. São sinais de morte que havemos de ir substituindo por sinais de vida, à medida que forem crescendo.

Está, pois, em curso, uma grande campanha, a nível nacional, para o registo destes filhos de

Angola. Se vivem com os pais ou familiares o problema é mais fácil de resolver perante a lei e afectivamente também. Quando vivem fora do ambiente familiar, como é difícil cicatrizar a ferida escondida pelos traços da esferográfica ou da caneta! Há que encontrar as pessoas, quanto antes, para ocupar o vazio deixado pelos pais ou pela família. Quando pegamos nas cédulas dos nossos, sentimos o peso da responsabilidade de pais e mães. Carregamo-la com alegria, mas quão pesada ela é!

Este nos viesse uma ajuda? A propósito: Esteve connosco aquela senhora de que vos falei na crónica passada, a D. Fernanda, dos lados de Espinho. Veio com o propósito de passar as suas férias em nossa Casa do Gaiato de Benguela, com o devido acordo do seu marido. Férias? Qual quê? Entrou na rouparia e fez dali a sua oficina. Trabalhou, trabalhou, ensinou e fez escola. Foi uma verdadeira lufada de ar fresco e

cheio de vida que entrou por aquela porta dentro. Eu digo: Em tão pouco tempo e fez tanto! Deixou marcas. Percebeu, cada vez mais, que a vida é para se dar. E quando se dá a vida, surge mais vida. Foi o que aconteceu. Obrigado! Fazem falta as decisões na vida. Delas depende a nossa sorte e a sorte dos demais.

Alguém, impressionado com a situação de miséria e pobreza geral a todos os níveis, falava abertamente: «As necessidades no meu País (na Europa), perante o que vejo aqui, são anedotas.» Temos que dar um desconto, claro, a esta afirmação, fruto do choque provocado na sensibilidade de quem chega doutro mundo. O certo é que a seara de trigo loiro é imensa, a desafiar os dons que cada um tem dentro de si.

Quem ousa dizer que não tem nada para dar? Medo? Medo, sim, de não fazermos o que devemos e podemos. Senhor, que eu seja humilde para aprender a caminhar com este povo, com os filhos deste povo, para que possam ter uma vida

digna. Que desapareça a vergonha da miséria que os impede de ser felizes.

O investimento na educação das crianças que vivem connosco, e de muitas outras que assumimos como nossas, está a dar os seus frutos. Frequentam a escola com assiduidade. O 2.º Nível, dentro de portas, dá os primeiros passos. Não devemos substituir o Estado nas suas obrigações de ter estruturas capazes de atender a multidão de crianças que estão fora da escola. Mais de metade dos filhos de Angola não entram no circuito escolar. Sentimo-nos na obrigação, por justiça e por amor das crianças, de dar ajuda, nesta fase crítica. É o que estamos a fazer. Do Estado não recebemos absolutamente nada, nem outra coisa esperamos, a não ser que nos deixe trabalhar. Assim tem sido. A única ajuda certa com que contamos e, sem a qual não podemos andar, é a de vós — que nos acompanhais. Em vós repousamos confiantes.

Padre Manuel António

## Tribuna de Coimbra

### Na alma duma criança tudo é importante

SEMPRE que recebemos um rapaz, há, em primeiro lugar, a preocupação de o visitar no próprio local onde vive. Por vezes, a mudança é feita no final do nosso primeiro encontro-visita. Passamos até por cima das ditas regras burocráticas que nos fizeram lá ir. Um telefonema a quem nos encomendou o caso: «Olhe o miúdo já cá está...» As situações, às vezes, superam a descrição feita por carta ou telefone. São SOS. Não se pode esperar.

O miúdo chega. Traz sempre algumas coisas que o ligam, dias a fio, enquanto a saudade não passa. O «filme» começa com a viagem: «Estamos ainda muito longe...» E se paramos... se comemos... se abastecemos... se rezamos. Tudo envolvido em mistério. Não há muitas perguntas. A novidade não permite reflexão. À chegada, tudo é devidamente «filmado». É difícil imaginar o que se passa na alma do novo «hóspede». Sabemos, sim, que este primeiro encontro é seguramente inolvidável. De tal modo, que ao fim de anos ouvimos desfiar pormenores que jamais acharíamos interessantes. Na alma de uma criança tudo é demasiado importante.

O miúdo traz sempre consigo algumas coisas. Serão agora um pequeno elo a ligar a

novidade ao seu passado que, apesar de tenebroso, terá que aprender a aceitar. O que traz, constitui um pequeno oásis afectivo para afrontar o novo ambiente. Procuo guardar tudo como «reliquia». O pequeno, inevitavelmente, esquecerá. O tempo tem as suas leis. Mas nós somos memória e ele confia. É uma foto da mãe ou dos irmãos, um objecto pessoal, um brinquedo, etc. Tudo serve para fazer atravessar uma «ponte» inevitável: a da saudade e da distância. Mesmo que esta tenha sido salutar e a única saída possível.

Numa destas, um deles trazia esta pequena composição escrita na escola onde brincava com os da sua idade: «Se me dessem uma flor falava com ela à noite quando tudo estivesse escuro... Dizia-lhe que gostava de ter uma casa e viver com a minha mãe e o meu pai, como os meus colegas. Dizia-lhe, também, que gostava de ter um jardim para poder pôr esta flor tão especial...» Guardei-a como um grito de alma e um desejo. Havemos de trabalhar para que este seu desejo não morra.

Ficamos perplexos quando ouvimos certos depoimentos de jovens adolescentes sobre a separação de seus pais... Depoimentos levianos, vazios ou domesticados. Lá bem no fundo da alma nunca deixará de existir a saudade do tal jardim perdido.

Padre João

## DOCTRINA



Mal vai o mundo quando se troca pelo amor do Próximo, o amor dos cães!

EU passava no Chiado pelas cinco horas da tarde, no meu giro de recoveiro de Pobres, quando dei com os olhos num grupo de senhoras distintas pasmadas em frente de certa montra. Logo me deu na gana ir também ver o que era e atravessei a rua em direcção ao local da — pasmaceira. Que havia de ser? Peles! Uma enorme data delas, de vários tipos, gostos, tamanhos e preços. Sempre se ouviu dizer que «é com papas e bolos que se enganam os tolos»; mas não. Também é com peles!

UMA pele é um objecto caro por natureza. Está mesmo na ordem das coisas que, se não for cara, não presta. Simples despojo de um animal inocente, a pele com que compras a tua falsa importância chega aos teus pobres ombros enriquecendo mercadores e empobrecendo peleiros. Não sei se já alguma vez pensaste nesta verdade social que é uma grande mentira e é que os objectos de luxo expostos nas montras em profusão de luz são encomendados e pagos sem respeito pelo saber do artista ou pelo suor do seu rosto. Quantas vezes não tenho eu entrado dentro de humildes casebres onde mãos delicadas confeccionam aquelas peças e ouço um desalentado «ai, bom Padre, que veio a tempo; não temos nada em casa!» Sai das mãos daquela gente pacífica a fortuna dos mercadores! «Não temos nada.»

AGORA que tenho casas de pé e gente a trabalhar nelas, regalo-me de pagar o jornal a quem trabalha, pelo que o mundo me tem roído na pele: — Não há direito que o Padre Américo nos estrague os salários! Mas nas peles das montras ninguém rói e, até, acha-se bem e justo que elas se usem com duas pontas, à maneira dos alforques: para trás a ponta das lágrimas e para a frente a dos risos. Desci o Chiado com estas considerações em meu peito. Em baixo, grande bicha de mulheres andrajosas e filhos ao colo à espera de meio litro de azeite. A polícia chancela!

DEPOIS do que, tomei o comboio para a rainha do Mondego. Na mesma carruagem, ao pé de mim, vinha um senhor com seu cãozinho de luxo e este, em preguiçosos dormitar, sobre as suas pernas — um cão de regaço deslocado. Foi até a primeira vez na minha vida que eu vi este luxo nas mãos de um homem; o cãozinho, em regra, é ternura de mulher. No Entroncamento, houve a demora do estilo. Entravam senhoras e senhores e o cãozinho fazia festas. Entravam os maltrapilhos dos jornais e o dito animal arremetia, furioso. O patrão gozava imenso e apreciava sobremodo o desassombro do cão. De resto, ele, patrão, pensa da mesma sorte; pensa, sim senhor. Ele é um industrial de categoria que viu e apreciou como uma tremenda desgraça a questão dos salários mínimos, magna carta dos operários; e que não pode levar avante que os seus, os da fábrica, necessitem de ir além da sardinha assada e das calças com fundilhos.

AI das fortunas quando caem nas mãos de homenzinhos de sorte, sem preparação nem formação nem sentido da responsabilidade de as possuir! Como são nefandas! Como espalham a desgraça! Como geram o desespero! Como são, sobretudo e principalmente, vazias e arrogantes! De uma ocasião, um dos inúmeros senhores desta ralé procurou-me para me cumprimentar: — Tenho ouvido falar muito de si e gostava de o conhecer pessoalmente. O homenzinho tinha ouvido nomear as grandezas do Padre Américo e queria também mostrar as suas. Daí: — Sabe?, eu cá sou o maior contribuinte na redondeza de muitas comarcas! Que triste celebridade!

SENHORA do Penedo. O público deste jornal cansado da minha voz não quis escutar o meu apelo a favor do moribundo dos Lázarus; e ficaria sem nada, se não fora os bolos que me mandou, feitos, talvez, pela sua mão. Tomei um nas minhas e coloquei-lho na boca — a última coisa que ele comeu. «Eu quero-me confessar, meu bom Padre» — e não pôde dizer mais nada nem foi preciso. A Misericórdia de Deus não se mede pelas palavras do homem.

D. Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

## LAR DO PORTO

### CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Quando visitamos os nossos Pobres, vamos sempre preparados para o que nos irá acontecer e para o que iremos encontrar. Claro, desejaríamos que tudo estivesse bem e não surgissem desgostos nem contrariedades.

Por várias vezes temos falado do nosso casal de velhinhos e netos, as alegrias que nos deram e também os desgostos. Há dias, quando os visitámos, tínhamos à nossa espera mais uma tristeza, de entre tantas.

Com certeza, os leitores recordam que levámos dois netos para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa. Em tempos, o mais velhinho fugiu. Agora, trabalha como padeiro, sem ter

completado a escolaridade obrigatória. Depois, fuge o mais novo, também sem a escolaridade obrigatória. Tem doze anos e já não há quem o obrigue a frequentar a Escola. Também já tinha fugido, mas, na altura, para ele, era tudo muito confuso. E, como viu a casa pintada e mais algum conforto, ninguém o convenceu. Resolveu voltar. A avó, segundo ela, ainda o foi levar, mas tornou a fugir. Diz que quer ser trolha com o companheiro da mãe.

Resultado de tudo isto: Não frequenta a Escola. Anda por lá, não se sabe com quem. Trata mal toda a gente.

A avó diz que já falou com a assistente social, mas o certo é que ele continua por lá, sem escolaridade.

Não será caso de perguntar às autoridades responsáveis pelo encaminhamento da juventude? Deixam perder estes jovens, em nome da liber-

dade! Esperam que seja mais um a cair nas teias da droga?

Como nos custa ver estes jovens, pelos quais temos feito tudo para que tenham uma preparação e educação superior à daqueles que acompanham, com pais e mães para os encaminharemos. Afinal, estamos a ver, tudo se perde!

No dia em que visitámos estes amigos, a Paróquia de S. Pedro colocava as Estações da Via-Sacra que seria nessa noite. E perguntámos a nós mesmos: — Será necessário pôr mais Estações, lembrando a Vida de Jesus Cristo quando há tantas nas casas das famílias que por ali moram...!?

Que o Senhor desça sobre todos esses lares, ajudando a resolver os seus problemas e alivie, um pouco, os seus calvários.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

## CALVÁRIO

## Discreção

NESTA tarde cinzenta desço à quinta, ao encontro dos rapazes ocupados nas tarefas agrícolas e pecuárias, mas também para ver se descubro assunto para estas linhas.

Um bando de pombas desliza em círculos suaves sobre os campos de erva. As aves descem lentamente e poíam no solo, fechando as asas. Serenas e alinhadas debicam não sei bem o quê. E, de novo, levantam voo, leistas em direcção ao bosque, onde se escondem nos ramos das árvores.

As pombas são discretas. Ninguém dá por elas quando repousam pacificamente no arvoredo. Não são como as demais aves, que não se calam e, onde quer que estejam, piam sempre, alegres e chilreantes.

Os nossos rapazes são como estas. Têm sempre assunto para conversa e, às vezes, discussão. São jovens cheios de energia para consumir.

Os nossos doentes, pelo contrário, assemelham-se às pombas. Não fazem barulho. Entretêm-se com os diversos cuidados da casa e dos jardins. Sem alardo, tudo executam. Labutam na discreção.

A Maria veio do Algarve. Assustou-me no dia da chegada. Epiléptica, fugiu e só à noite daquele dia a encontrei. Nunca mais se ausentou. Hoje, é a ajudante da cozinha e das redondezas desta. Ninguém dá por ela, mas o trabalho aparece feito. É o nome que mais vezes se ouve ao longo do dia. Chamam-na e ela surge. Pedem-lhe para fazer algo e ela executa. Há muitas Marias nesta Casa, mas Maria é só ela.

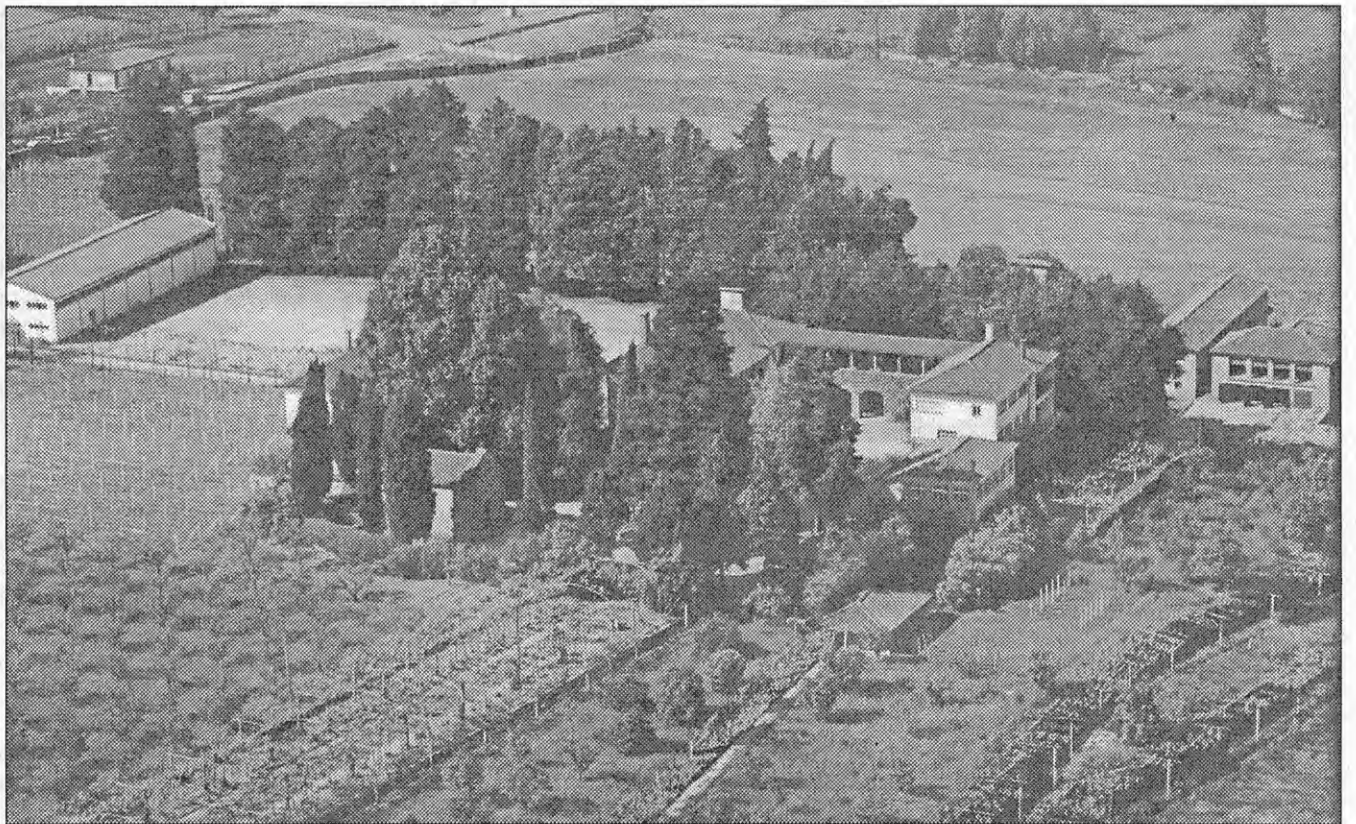
O João é dos mais discretos. Quase se não dá por ele de tão curvado. Porém, onde se encontrar um monte de lixo, aí está ele a apanhá-lo. Onde estiver um doente com sede, logo ele aparece com um copo de água. Não precisa de ser mandado. É discreto como ninguém.

A ti Adelaide passa o dia a fazer limpezas em casa e fora dela, embora a caminhar apressadamente para os cem anos. Faltam apenas três. Curvada, caladinha, é mulher de cuidados intensivos no arranjo das ruas e dos canteiros de flores. Ao sol posto, temos de a procurar, esquecida das horas e de si mesma.

O Carlos, ao contrário dos outros, não consegue ser discreto.

— Anda — e pega-me no braço. Já está tudo feito. Já arrumei o pavilhão. Olha bem!

A criança gosta de mostrar o que faz. Não admira que o



Paisagem aprazível da Casa do Gaiato de Beire

Carlos, sendo criança grande, aprecie a minha presença e o meu louvor.

Mas, ontem à noite, já perto das onze, dou com ele a dobrar compressas. Todos dormem menos ele!

— Então?

— Tenho de acabar isto. Eu estou calado e não acordo os outros.

Por detrás da discreção, está o sentido da responsabilidade. E quem faz o que deve, não tem que apregoá-lo. Basta-lhe a aprovação da consciência e a alegria do bem que realiza.

Enquanto os demais dormem, o Carlos trabalha no silêncio, na discreção da noite. E, findo o trabalho, vai deitar-se discreta e descansadamente.

Muitos, hoje, gostam de se afirmar, de se ostentar na praça pública para dizerem quem são e o que fazem. A discreção não é hoje virtude muito cultivada.

Ora a discreção é uma constante em tudo quanto se efectua em nossa Casa.

Quem chega e não nos conhece, anda algum tempo a procurar dirigentes, coordenadores, técnicos e empregados.

— Mas são eles, os doentes, que fazem as coisas?! — é a pergunta habitual.

Ninguém dá pelos doentes. A discreção é virtude rara. Mas ela é fruto apeteido dos humildes. E os doentes são geralmente humildes e, por isso mesmo, capazes de grandes coisas para confusão dos que se proclamam grandes por alguma coisa que fazem.

E, então, quem trabalha segundo o Espírito de Cristo é mesmo chamado a ser deliberadamente discreto. No Jordão, o Espírito pousou, em forma de pomba, sobre Cristo talvez para nos dizer isto mesmo.

As pombas voltam a surgir na folhagem das árvores e passam sobre mim em ondas de paz, deslizando discretas pelo céu imenso.

Padre Baptista

## Setúbal

«Somos a seara imensa do trigo e do joio»

PODERÁS apreciar, como já ouvi, que o mundo é todo ele uma seara semelhante. E é verdade, também assim o vejo. Com a debilidade extrema de pôr mais em relevo o joio do que o trigo.

Quando falamos da nossa Casa queremos afirmar algo que nos distingue de todas as outras instituições para crianças sem família. É que a nossa vida é em comum. Não isolamos os rapazes. E, se para dormir e conviver à noite, os gaiatos ocupam, por maturidade, casas diferentes — com o seu chefe, o seu balneário, os seus quartos e sala de leitura, recreio e televisão — a vida, durante o dia, mistura-os.

Os perigos não se discutem. A experiência confirma-os, mas em vez de os isolarmos, preferimos deixá-los juntos e chamar os maiores à responsabilidade de viver entre os mais pequenos.

Em Setúbal não temos, neste momento, nenhum bebé. Que falta nos faz!...

Os pequeninos são o doce mais apetecível dos grandes! O Sousa vem aos fins-de-semana com o seu menino

— o Luís Carlos. Se visses, como eu, quanto a criança é disputada para trazer ao colo, às cavalitas, para brincar e conversar!... Se con-

templassem a sede de dar carinho que os rapazes manifestam e como se saciam com o menino!

Nada compensa, reconforta e reconstrói o homem como o próprio homem!

Depois que os pequeninos cresceram e não foram substituídos, a nossa Casa enxameou-se de cães e gatos que eles agarram ao

colo, alimentam e escondem para se compensar.

A cadela teve doze cães. O Fernando ficou encarregado de deixar um para mamar a cadela. Já tínhamos dezanove cães: Pois o Amândio, às escondidas do Fernando, foi pôr seis num esconderijo e, sem ninguém saber, levava lá a mãe para os alimentar. Ficamos com vinte e cinco.

E os vizinhos a protestar. E as capoeiras deles a serem desbaratadas pela cãozoada do Gaiato. E eu a sofrer, quase impotente, perante o flagelo dos cães tão úteis aos rapazes, sem que ninguém nos entenda.

Ai as crianças, como são precisas aos rapazes!... A vida em comum tem muitos perigos, sim, mas mostra-os e cada rapaz foge deles como pode e fica a conhecê-los.

O «Lota» come, durante uma semana, fora do refeitório por não fugir dos perigos. Mas, em casa, toda a gente fica a conhecer que eles existem porque o «Lota» café neles.

O Andriano é chefe de uma sala de estudo e já deu, este ano, cinquenta e quatro faltas, mais três esta semana. Foi chamado à responsabilidade. Eu acredito no seu arrependimento, na sua dor de ter pecado e, se ele rezar, no poder transformador da Oração. Os Sacramentos são também uma força invencível. Se não fosse chefe dos mais pequenos, as suas faltas seriam menos graves e menos evidentes.

Padre Acílio

## Festas Tojal

Estamos em Festas. A nossa mensagem aí vai correndo algumas comunidades. Gostaríamos de ir a muito mais sítios, mas não conseguimos agenda. Também somos gente muito ocupada. As Festas são um agradável esforço suplementar. Esperamos a presença amiga de todos. Cada um dos nossos Amigos convida um seu Amigo a ser nosso Amigo também. Aqui vai o programa para os próximos domingos:

10 de Maio — Domingo, 15,30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Rua Camilo Castelo Branco ao Marquês de Pombal) — LISBOA.

17 de Maio — Domingo, 15,30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.

23 de Maio — Sábado, 15,30 h, Cine-Teatro de LOURES.

31 de Maio — Domingo, 15,30 h, Salão da Igreja de RIO DE MOURO.

14 de Junho — Domingo, 15,30 h, Salão dos Bombeiros de AZAMBUJA.

Entre 31 de Maio e 14 de Junho há mais duas Festas ainda por confirmar.

Padre Manuel Crístóvão

## Malanje

08/04/98

## Lavras para o povo

O tractor vai e mergulha os capins neste solo virgem. A seguir, outra gradagem e, logo, mibangas compridas onde os camponeses põem as estacas de mandioca. Com a chuva os rebentos surgem e crescem. Num ano e meio a seiva engrossa as raízes que são a mandioca succulenta. Dois dias na água fervente fica fuba que, com os molhos de peixe, carne ou ervas dá sangue a correr em nossas veias e põe-nos a caminhar nas cidades, estradas e picadas de Angola.

O nosso tractor fez já algumas sanzalas e continuará nas próximas chuvas. «A cana de pesca em vez de peixe!» Único processo válido contra a fome.

Claro que sem o vosso auxílio para o desgaste das máquinas e pessoas, não seria possível ajudarmos este povo sofredor — e sem culpa.

09/04/98

## Rapazes da rua

NÃO vejo olhos tristes nos rapazes da rua... É uma magia, um encantamento e, por vezes, uma paixão!

Alguns saíram de suas famílias (falta de pão ou de carinho) e, sem peias, penetraram no encanto; outros, sem família, apaixonaram-se mesmo pela rua.

Há dias, saíu um de nossa Casa e, numa maior!, pediu treze milhões para o seu «negocinho»!

Uma multidão, entre os dez e vinte anos, vendendo nas ruas! Fenómeno social que, por clima favorável, nasceu como cogumelo gigante!

Reprimir? Não serve. Só puxando a alavanca para que o comboio siga por outra linha.

Padre Telmo